

**Conhecimento dos estudantes de medicina acerca de hábitos sexuais e situações considerados de risco****Medical students' knowledge about sexual habits and risk situations**

DOI:10.34117/bjdv6n10-198

Recebimento dos originais: 10/09/2020

Aceitação para publicação: 09/10/2020

**Rodrigo Dias Cassimiro**

Acadêmico do Curso de Medicina no Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA  
Instituição: Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA  
Endereço: Av. Universitária, Km 3,5, Cidade Universitária – Anápolis, Goiás, CEP: 75083-515  
E-mail: rodrigodiasc17@gmail.com

**Carolina Ribeiro Fernandes Oliveira**

Acadêmica do Curso de Medicina no Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA  
Instituição: Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA  
Endereço: Av. Universitária, Km 3,5, Cidade Universitária – Anápolis, Goiás, CEP: 75083-515  
E-mail: carolina.rfo@hotmail.com

**Rayssa Carolina de Lacerda Candido**

Acadêmica do Curso de Medicina no Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA  
Instituição: Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA  
Endereço: Av. Universitária, Km 3,5, Cidade Universitária – Anápolis, Goiás, CEP: 75083-515  
E-mail: rayssacarolina@hotmail.com

**Sofia de Barros Jesus**

Acadêmica do Curso de Medicina no Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA  
Instituição: Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA  
Endereço: Av. Universitária, Km 3,5, Cidade Universitária – Anápolis, Goiás, CEP: 75083-515  
E-mail: sofiadebarrosjesus@gmail.com

**Edwilson Gonçalves Rios Filho**

Acadêmico do Curso de Medicina no Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA  
Instituição: Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA  
Endereço: Av. Universitária, Km 3,5, Cidade Universitária – Anápolis, Goiás, CEP: 75083-515  
E-mail: edwilsonrios@hotmail.com

**Rodrigo Davanço Souto**

Acadêmico do Curso de Medicina no Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA  
Instituição: Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA  
Endereço: Av. Universitária, Km 3,5, Cidade Universitária – Anápolis, Goiás, CEP: 75083-515  
E-mail: davancorodrigo@gmail.com

**Raquel Oliveira dos Santos**

Graduação em Medicina pela Universidade Federal de Goiás (2011) e residência em Clínica Médica e Cardiologia pela Universidade Federal de Goiás  
Instituição: Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA

Endereço: Av. Universitária, Km 3,5, Cidade Universitária – Anápolis, Goiás, CEP: 75083-515  
E-mail: rosraquel@hotmail.com

**RESUMO**

A temática sexualidade, para estudantes da área da saúde, tem relevância tanto para vida pessoal (evitando comportamentos de risco), quanto para atuação profissional (investigação de queixas e orientações). O objetivo desse trabalho foi identificar o perfil dos acadêmicos de medicina do ciclo básico (primeiro ao quarto período) do curso de medicina de uma instituição privada do Centro-Oeste brasileiro, bem como investigar se, entre os períodos, existia diferença no conhecimento básico acerca de hábitos sexuais e situações considerados de risco. Ademais, estabelecer se um maior nível de instrução refletia em maior uso de métodos protetivos às infecções sexualmente transmissíveis. Tratou-se de um estudo epidemiológico e transversal e descritivo. Aplicaram-se 39 questões objetivas adaptadas de 4 trabalhos. A maior parte dos estudantes assinalou de forma satisfatória quanto a hábitos e situações de risco que poderiam se relacionar com infecções sexualmente transmissíveis e não houve diferença quanto ao conhecimento básico dos participantes. Por fim, ficou claro que um maior nível de instrução não necessariamente reflete em hábitos sexuais mais seguros.

**Palavras-chave:** Comportamento sexual, Doenças Sexualmente Transmissíveis, Educação em saúde.

**ABSTRACT**

The sexuality theme, for students in the health area, has relevance both for personal life (avoiding risky behaviors) and for professional performance (investigation of complaints and guidelines). The objective of this study was to identify the profile of medical students in the basic cycle (first to fourth period) of the medical course at a private institution in the Brazilian Midwest, as well as to investigate whether, between periods, there was a difference in basic knowledge about sexual habits and risk situations. In addition, establishing whether a higher level of education reflected greater use of methods that protect against sexually transmitted infections. It was an epidemiological and transversal and descriptive study. 39 objective questions adapted from 4 studies were applied. Most students indicated satisfactorily about habits and risk situations that could be related to sexually transmitted infections and there was no difference in the basic knowledge of the participants. Finally, it was clear that a higher level of education does not necessarily reflect safer sexual habits.

**Keywords:** Sexual Behavior, Sexually Transmitted Diseases, Health Education.

**1 INTRODUÇÃO**

A emergência da sexualidade, para uma porção significativa dos universitários, ocorre no ensino superior, o que aumenta a importância da educação sexual para esse grupo, em especial para os estudantes da área da saúde, que deverão tratar do tema com seus futuros pacientes. Destaca-se que, para essa classe de universitários, esse tema apresenta dupla relevância: tanto para a vida pessoal quanto para atuação profissional. Nesse âmbito, é importante um olhar crítico sobre como tem sido abordada essa temática pelos profissionais de saúde (LIMA; CERQUEIRA, 2008; SILVA; CAMARGO; IWAMOTO, 2014).

Seria esperado que alunos de cursos de nível superior da área da saúde fossem pouco vulneráveis, visto o nível de escolaridade e acesso à informação do grupo. Em geral, os universitários são bem informados, mas continuam envolvidos em comportamentos de risco. Eles subestimam a probabilidade de serem infectados, pois compreendem-se imunes e não se identificam dentro dos grupos de risco (PEREIRA et al., 2018). Isso evidencia que, apesar de no meio acadêmico haver maior acesso às informações acerca da sexualidade humana e dos fatores de exposição às possíveis consequências de práticas sexuais inseguras, é comum a prática da atividade sexual de risco. Além disso, há de se ressaltar que, em busca do ensino superior, é comum jovens se deslocarem para centros urbanos de maior porte, onde se encontram a maioria das universidades brasileiras, especialmente as públicas. Essa transição pode gerar conflitos sobre o comportamento sexual dos jovens – entre o pensar, o desejar e o fazer (SILVA; CAMARGO; IWAMOTO, 2014).

Embora as diretrizes curriculares nacionais aprovadas para o curso médico não façam menção explícita à temática sexual, sua importância é inegável do ponto de vista de saúde individual e coletiva. Do mesmo modo, é fundamental conhecer o que pensam os universitários acerca da sexualidade, para rever conteúdos curriculares e estratégias pedagógicas para o ensino desse tema, uma vez que médicos e outros profissionais da área da saúde ocupam papel fundamental nesse debate e nem sempre estão aptos para investigar queixas relacionadas a sexualidade e fornecer informações adequadas (LIMA; CERQUEIRA, 2008; LEITE et al., 2007).

Mesmo diante da importância do conhecimento do perfil dos futuros profissionais da área da saúde, são poucos os estudos que analisam comportamento sexual e fatores influenciadores entre os acadêmicos no Brasil, sendo que esses evidenciam que mesmo os conhecimentos sobre ISTs, HIV/AIDS e métodos contraceptivos não são suficientes para reduzir a exposição a práticas sexuais de risco (SILVA; CAMARGO; IWAMOTO, 2014). Tais autores justificam que o próprio fato de os ingressantes ainda não terem contato com o tema na formação acadêmica, não terem adquirido conhecimentos específicos nem vivenciado situações assistenciais correspondentes, acaba por inferir-lhes maiores vulnerabilidades frente à escolha de práticas sexuais mais seguras.

O conhecimento é um importante instrumento na prevenção de ISTs. Contudo, é necessário ressaltar que não basta o conhecimento sobre a necessidade de usar o preservativo na prevenção dessas doenças, é necessário que o indivíduo tenha conhecimento sobre as ISTs para poder considerar os riscos e as consequências de adquiri-las (CASTRO et al., 2016). Ainda sobre tais conhecimentos, observa-se que esse tema não é totalmente desconhecido pelos jovens, já que, por exemplo, é grande o saber de ambos os sexos sobre sinais e sintomas da sífilis. Em contraposição a isso, em relação a forma de transmissão da gonorreia, tanto as mulheres quanto principalmente os homens demonstraram desconhecimento sobre a via de transmissão e quadro clínico. Observação

semelhante ocorreu na investigação em relação à herpes genital e do condiloma acuminado (BRÊTAS et al., 2009).

Sabe-se que inúmeros fatores são relacionados ao uso de métodos anticoncepcionais durante os relacionamentos afetivo-sexuais. Entre eles é possível apontar o grau de conhecimento sobre as questões reprodutivas, sobre o mecanismo de ação dos contraceptivos, especificidades relacionadas ao sexo, o tipo de relacionamento afetivo do momento, questões financeiras e de acesso aos métodos, assim como o grau de liberdade e de autonomia conquistados nessa faixa etária (TEIXEIRA et al., 2006).

Dessa forma, o objetivo desse trabalho foi identificar o perfil dos acadêmicos de medicina do ciclo básico (primeiro ao quarto período) do curso de medicina de uma instituição privada do Centro-Oeste brasileiro, bem como investigar se, entre os períodos, existia diferença no conhecimento básico acerca de hábitos sexuais e situações considerados de risco. Ademais, estabelecer se um maior nível de instrução refletia em maior uso de métodos protetivos às infecções sexualmente transmissíveis.

## **2 METODOLOGIA**

Tratou-se de um estudo epidemiológico transversal e descritivo realizado no Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA/GO. A pesquisa foi realizada com os alunos do ciclo básico (primeiro ao quarto período) do curso de medicina do Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA/GO. Para o cálculo amostral levou-se em consideração que havia aproximadamente 85 alunos por sala com idade acima de 18 anos de ambos os sexos. Para tanto, trabalhou-se com a hipótese de que 5% dos avaliados tivessem comportamentos sexuais inadequados e levou-se em consideração um erro de estimativa de 5%. Com isso, chegou-se a uma amostra mínima de 13 pessoas por sexo e por período, o que totalizou uma amostra de 104 indivíduos.

Para este cálculo foi utilizada a fórmula de amostra finita de Levin (1987). Por fim, como margem de segurança para coleta das informações e considerando a possibilidade de desistência e/ou preenchimento inadequado, foram coletados dados de 20% a mais da quantidade de participantes necessária, totalizando 125 indivíduos.

Foram estabelecidos como critérios de inclusão estar matriculado e pertencer ao ciclo básico do curso de medicina do Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA, ter 18 anos ou mais de idade, estar presente no momento de aplicação do instrumento de coleta de dados, estar de acordo e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que garante o anonimato e o uso dos dados exclusivamente para fins de pesquisa. Como critérios de exclusão, alunos que

declinaram da participação e/ou não responderam as questões de maneira adequada, impossibilitando a análise final.

Como instrumento de coleta de dados foram aplicadas 39 questões objetivas adaptadas dos estudos de Falcão Júnior et al. (2007); Silva, Camargo, Iwamoto (2014); Soares et al. (2015) e do questionário para avaliação de programas de prevenção das ISTs/AIDS adaptado do Ministério da Saúde que possibilitaram a obtenção de dados que respondessem aos objetivos do estudo. Foi feita uma estatística descritiva na forma de média, desvio padrão, frequência simples e percentual com intuito de caracterizar a amostra. Em seguida foi procedido o teste do qui-quadrado, objetivando comparar as distribuições percentuais dos dados coletados. Por último, foram mapeadas as respostas referentes ao conhecimento dos entrevistados e agrupadas em respostas satisfatórias ou insatisfatórias para comparação.

A pesquisa seguiu os preceitos éticos estabelecidos pela resolução 466 de 2012. Foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Anápolis com o parecer número 3.694.819/2019. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

### 3 RESULTADOS

Dos 125 indivíduos pesquisados, 12 tiveram seus dados excluídos em decorrência de preenchimento incompleto do instrumento de coleta de dados. Seguindo a amostra mínima calculada, pelo menos dados de 13 pessoas por sexo e por período foram obtidos. O perfil dos acadêmicos de medicina do ciclo básico é apresentado na Tabela 1.

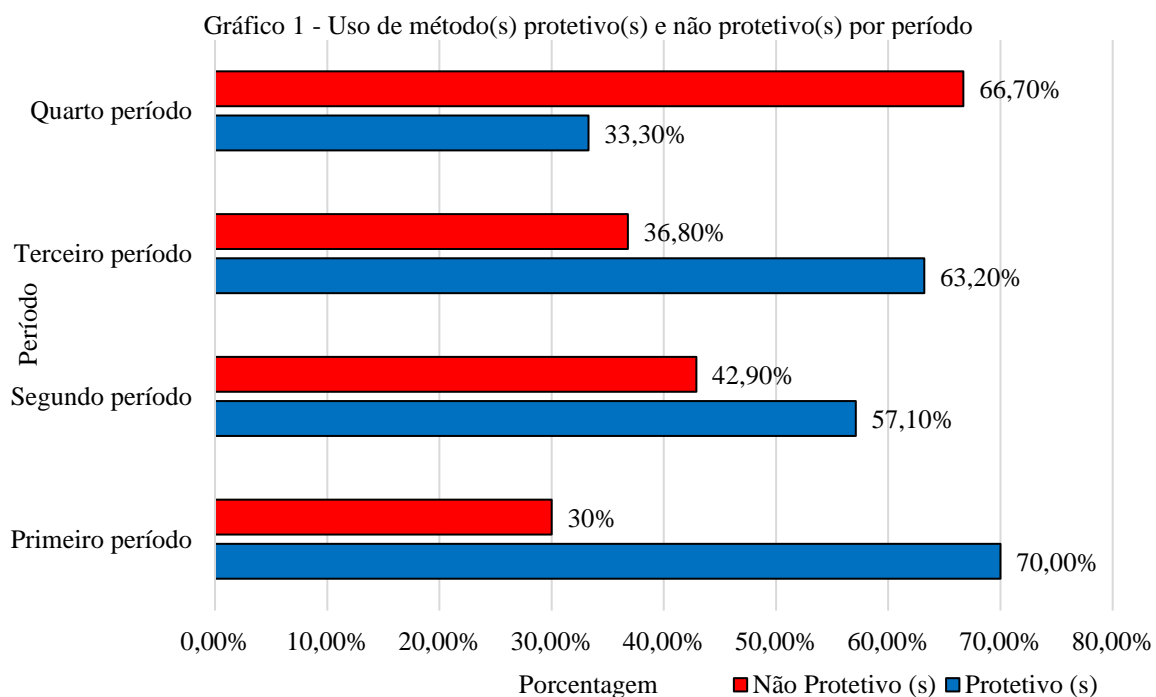
Tabela 1 - Perfil dos acadêmicos de medicina do ciclo básico

Variável	n	%
<b>Sexo</b>		
Masculino	56	49,6
Feminino	57	50,4
<b>Faixa etária</b>		
18-21	85	75,3
22-25	24	21,2
26-29	4	3,5
<b>Relacionamento</b>		
Solteiro	74	65,5
Namora	37	32,7
Casado	1	0,9
Divorciado	1	0,9
<b>Orientação sexual</b>		
Heterossexual	105	92,9
Bissexual	6	5,3
Homossexual	2	1,8

Entre todos os estudantes que participaram da pesquisa, 2 (1,8%) alunos responderam que transar com pessoas que aparentam ter boa saúde é uma maneira de se proteger do vírus da AIDS. Entre os entrevistados, 1 (0,9%) acredita que transar com camisinha não é uma forma de se proteger da AIDS e de ISTs. Não existiu diferença significativa entre os períodos. Todos os participantes da pesquisa acreditam que tomar remédio para não engravidar não é uma forma de se proteger da AIDS e outras ISTs.

Ao questionar a possibilidade de considerar estar com uma IST caso aparecesse feridas no pênis ou vagina, não houve diferença significativa entre os períodos. 99 (88%) responderam de forma afirmativa e 14 (12%) negaram. Todavia, ao especificar a ferida como sendo uma verruga no pênis, vagina ou ânus, 103 (91,2%) pensariam estar com uma IST, ao passo que 10 (8,85) não pensariam. Nesse caso, também não houve diferença significativa entre os períodos analisados. Ao indagar a possibilidade de pensar estar com IST ao perceber corrimento no canal da urina, os cálculos também não mostraram como significante a diferença entre os períodos do curso que foram analisados. Obteve-se resposta afirmativa em 91 (80,5%) indivíduos e resposta negativa em 22 (19,5%).

Por fim, investigando se uma diferença no nível de instrução (períodos diferentes do ciclo básico do curso) reflete em maior uso de métodos protetivos às ISTs, não houve, na amostra, diferença significativa. Apesar disso, o Gráfico 1 mostra que o uso de método(s) não protetivo(s) predominou apenas no quarto período (66,7%).



**4 DISCUSSÃO**

O perfil dos acadêmicos (Tabela 1) foi direcionado para uma compreensão geral dos participantes da pesquisa. Na amostra, a porcentagem de homens e mulheres foi semelhante. A faixa etária predominante foi a de 18-21 anos. A maioria dos participantes era solteira e heterossexual.

No que se refere ao conhecimento básico dos estudantes acerca de hábitos sexuais e situações considerados de risco, a maioria assinalou respostas consideradas satisfatórias para as questões que avaliavam maneiras de se proteger de uma IST, sendo que apenas 3 respostas foram consideradas insatisfatórias. Na avaliação da possibilidade de estar com uma IST no caso de algum sinal/sintoma clínico típico, vale destacar que os estudantes associaram um pouco mais a presença de verrugas nas regiões íntimas (em comparação com outras lesões em geral) com as ISTs. Nessa avaliação, a maioria dos participantes teve respostas satisfatórias, no entanto, também houve uma grande quantidade de respostas insatisfatórias, totalizando 46.

Todavia, no tocante a essa situação, deve-se levar em conta que uma parte dos entrevistados que responderam a essas questões ainda não tinha praticado relações sexuais, situação essa que pode ter contribuído para a desvinculação de alguma lesão/situação clínica como manifestação de uma infecção de transmissão sexual, tendo em vista a não prática. Além disso, ao avaliar o corrimento, percebe-se que esse foi o sintoma com mais respostas insatisfatórias (com maior porcentagem de não correlação com ISTs). Isso pode ser em decorrência de alguns corrimentos, principalmente no sexo feminino, serem considerados normais, já que, por exemplo, a secreção vaginal pode ser uma resposta fisiológica do organismo feminino (FERRACIN; OLIVEIRA, 2005).

Entre os períodos analisados, não existiu diferença significativa na avaliação do conhecimento básico. Isso pode ser justificado pelo fato de as questões serem simples, não sendo necessário um maior nível de instrução para que os participantes respondessem de modo satisfatório.

Um dos pontos que chamou atenção nesse estudo foi o fato de que, apesar de o quarto período estar em um nível mais avançado da graduação – teoricamente maior nível de instrução, este apresentou uma porcentagem maior de alunos que utilizam métodos não protetivos quando comparado aos outros períodos avaliados (Gráfico 1). No estudo de Castro et al. (2016), observou-se que dos graduandos sexualmente ativos da UNICAMP, 99% deles já haviam utilizado preservativo nas relações sexuais, no entanto menos de 20% usavam sempre ou não tinham conhecimento acerca do uso adequado de métodos protetivos. Dessa forma, percebe-se que além de um conhecimento adequado sobre o uso de métodos protetivos, é preciso ter consciência sobre os riscos do uso inadequado ou até mesmo do não uso.



**5 CONCLUSÃO**

A grande maioria dos participantes dessa pesquisa respondeu de modo satisfatório quanto a hábitos e situações de risco que poderiam estar relacionados com as infecções sexualmente transmissíveis. As respostas consideradas insatisfatórias podem ser em decorrência de alguns fatores, como a não prática sexual e corrimentos fisiológicos, mas, mesmo assim, não se pode afirmar que todos os participantes dessa pesquisa possuem um conhecimento adequado acerca do tema.

Entre os períodos pesquisados, não houve diferença quanto ao conhecimento básico dos participantes. Isso pode ser justificado pelo fato de as perguntas feitas serem simples e não terem requerido um conhecimento técnico-científico aprofundado. Dessa forma, esse estudo pode ser reproduzido com questões mais elaboradas, de modo a conseguir avaliar o ganho de conhecimento nessa temática, de maneira a considerar não apenas as vivências e conhecimentos coletivos como também incorporar um conhecimento mais elaborado adquirido nas etapas da graduação. Por fim, ficou claro que um maior nível de instrução não necessariamente reflete em hábitos sexuais mais seguros.



**REFERÊNCIAS**

- BRÊTAS, J.R.S.; et al. Conhecimentos de adolescentes sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis: subsídios para prevenção. **Escola Paulista de Enfermagem**, v. 22, n. 6, p. 786-792, 2009.
- CASTRO, E.L.; et al. O conhecimento e o ensino sobre doenças sexualmente transmissíveis entre universitários. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n. 6, p. 1975-1984, 2016.
- FALCÃO JÚNIOR, J.S.P.; et al. Perfil e práticas sexuais de universitários da área de saúde. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 11, n. 1, p. 58-65, 2007.
- FERRACIN, I.; OLIVEIRA, R. M. Corrimento vaginal: causa, diagnóstico e tratamento farmacológico. **Revista Infarma**, v. 17, n. 5, p. 82-86, 2005.
- JOINT UNITED NATIONS PROGRAMME ON HIV/AIDS (UNAIDS). Prevention gap report. **Geneva: UNAIDS**, 2016.
- LEITE, M.T.F.; et al. Saber e prática contraceptiva e prevenção de DST/HIV/AIDS em universitários da área da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 60, n. 4, p. 434-438, 2007.
- LEVIN, J. **Estatística Aplicada a Ciências Humanas**. 2.ed. São Paulo: Editora Harbra Ltda, 1987.
- LIMA, M.C.P.; CERQUEIRA, A.T.A.R. Crenças sobre sexualidade entre estudantes de Medicina: uma comparação entre gêneros. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 32, n. 1, p. 49-55, 2008.
- PEREIRA, E.C.L.; et al. Jovens universitários da área da saúde são vulneráveis ao HIV. **Tempus Actas de Saúde Coletiva**, v. 11, n. 2, p. 41-52, 2018.
- SILVA, L.P.; CAMARGO, F.C.; IWAMOTO, H.H. Comportamento sexual dos acadêmicos ingressantes em cursos da área da saúde de uma universidade pública. **Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde**, v. 3, n. 8, p. 39-52, 2014.
- SOARES, L.R.; et al. Avaliação do comportamento sexual entre jovens e adolescentes de escolas públicas. **Adolescência & Saúde**, v. 12, n. 2, p. 76-84, 2015.
- TEIXEIRA, A.; et al. Adolescentes e uso de preservativos: as escolhas dos jovens de três capitais brasileiras na iniciação e na última relação sexual. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 22, n. 7, p. 1385-1396, 2006.